

# Calvina

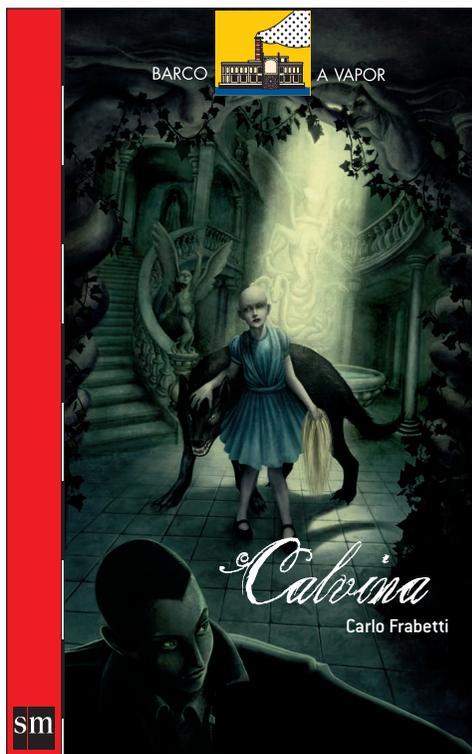
Carlo Frabetti

Tradução Reynaldo Damazio

Temas Suspense; Mundos fantásticos; Literatura; Formação da identidade



## GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



Série Vermelha, nº 19  
128 páginas

**O LIVRO** Lucrécio é um ladrão com várias passagens pela polícia. Dessa vez, ao entrar em uma estranha casa para realizar mais um roubo, ele é surpreendido por um mundo totalmente diferente e que escapa a sua compreensão. Na sala às escuras surge a sua frente um garoto, Calvino, que lhe propõe fazer-se passar por seu pai. Sem alternativa, Lucrécio aceita. Para isso, tem de raspar os cabelos, tornando-se, então, um falso calvo, parecido com o pai e com o próprio menino. Esse, no entanto, é apenas o começo da aventura de Lucrécio, que descobre, para seu espanto, que *o menino* Calvino talvez seja *a menina* Calvina, que o cão da casa é um lobo, que um cadáver pode estar vivo. De tudo que acontece, o mais espantoso para esse homem comum provavelmente seja descobrir que nada é o que parece ser. Em uma viagem por mundos fantásticos que podem estar bem ao lado da vida banal, Lucrécio vive uma aventura em que livros e realidade, personagens e pessoas estão mais próximos do que se imagina e em que as histórias podem, sempre, continuar e modificar profundamente os homens reais.

**O AUTOR** Nascido na Itália, em 1945, Carlo Frabetti vive na Espanha desde os oito anos e escreve em espanhol. Matemático, é membro da Academia de Ciências de Nova York. Publicou mais de quarenta livros de literatura, dentre eles reconhecidas produções para crianças e jovens, como *Calvina*, que lhe rendeu o Prêmio Barco a Vapor da Espanha em 2007. Também escreve e dirige programas de televisão e peças teatrais. A firme convicção de Frabetti é a de que a literatura e o cinema permitem que voltemos à realidade com mais força e mais sabedoria.



## Mergulhando na temática

### ALCUNHA

Alcunha é a denominação, quase sempre depreciativa, que se usa em lugar do nome próprio ou em acréscimo a este. Muitas vezes, principalmente na escola, ela cria situações que envolvem maus-tratos, sobretudo psíquicos, não raro com consequências desastrosas. Trata-se do fenômeno hoje conhecido como *bullying*, que estigmatiza aqueles cuja aparência ou comportamento escapa aos padrões considerados “normais” ou “corretos”.

No caso de Luc, a alcunha “Rato”, mesmo aparentemente ofensiva, valoriza suas habilidades. Assim, podemos ver como uma alcunha pode ser trabalhada para realçar o que é específico a alguém e, especialmente, como ninguém é apenas uma coisa só, pois, quando lhe ocorre algo terrível, o Sigiloso não hesita em quebrar o silêncio e berrar de medo. Ninguém é, de fato ou plenamente, o que parece.

Também a alcunha é mais do que parece, pois consiste em uma antonomásia, variedade de metonímia em que se substitui o nome de alguém – ou de um objeto, entidade, local etc. – por uma designação que o identifica, com conotações sugestivas, explicativas, laudatórias, irônicas, pejorativas ou eufêmicas.

### PESSOAS, PERSONAGENS, LIVROS

O universo de *Calvina* é uma mescla de realidade e mundos fantásticos. O mais interessante disso é que tais mundos não estão muito distantes de nós. Eles fazem parte de nossa vida, cada vez que lemos um livro,

## INTERPRETANDO O TEXTO

### QUEM É O ASSALTANTE?

Ao tomar a resolução de entrar naquela casa, embora seu companheiro, Cochilo, não tenha aparecido, o ladrão Lucrécio começará a viver muitas surpresas. Na escuridão da sala, iluminada apenas pelo luar, depara com um estranho menino, totalmente careca, que, em vez de se assustar, começa a conversar com o ladrão e revela conhecer muito sobre ele: seu nome, o apelido – Luc – e também as **alcunhas\*** – Rato (por ser capaz de se enfiar em qualquer canto) e Sigiloso (por conseguir entrar nas casas sem fazer ruído). Calvino, o menino, faz-lhe uma proposta: ou Lucrécio finge ser seu pai – que desapareceu e por isso há o risco de ele ser entregue a um orfanato, já que sua mãe morreu – ou o denunciara à polícia. Sem alternativa, Lucrécio aceita fazer-se passar por quem não é, mesmo que para isso tenha de raspar toda a cabeça. Afinal, Calvino não tem a ver com... calvo?

Além de fingir ser o pai de Calvino, Luc tem de cumprir algumas tarefas, entre elas levar o animal da casa para passear. Só que, ali, tudo é diferente do usual, e o bicho de estimação é, na verdade, um imenso lobo, que se passa por cachorro quando lhe colocam uma coleira. Lóki, porém, é dócil, pelo menos a princípio...

Luc passa a morar na estranha casa. Em seu quarto, tenebroso, há na parede um retrato aterrorizante de uma mulher com cabelos pretos, vestida de negro, que parece olhar permanentemente para qualquer um que esteja lá. Por isso, Luc decide virar o quadro contra a parede. Sem sono, resolve pegar um roupão para andar pelo jardim, mas, quando abre o armário, percebe que ele não tem fundo. Vai avançando, até tocar com a mão em um rosto humano. Aterrorizado, volta para o quarto e se esconde debaixo da cama.

De manhã, encontra na cozinha apenas uma menina, que diz ser Calvina, mas que tem a voz de Calvino. Cada vez mais confuso, Luc escuta as explicações de Calvina – ou Calvino? – de que não basta usar saia para ser menina, dificultando saber a identidade daquela criança. Quando lhe conta o que ocorreu à noite e indaga sobre quem está escondido dentro do armário, a menina – ou menino? – vai até o quarto e mostra que no móvel há apenas um manequim de pano, com rosto de porcelana.

\* Os **destaques** remetem ao quadro *Mergulhando na temática*.

assistimos a um filme ou a um espetáculo teatral. A ideia de que todos nós nos identificamos com personagens é a matéria-prima para a invenção. Assim, muitos autores e personagens – de origens, gêneros e épocas distintos – são mencionados neste livro. Um dos escritores citados é Italo Calvino (1923-1985), o que sugere certo jogo linguístico com o nome da personagem principal. Como nada é o que parece, o autor é mencionado por causa de seu livro *O barão nas árvores* – um convite para que os alunos que se interessarem pela história conheçam um dos escritores mais reconhecidos do século XX.

Tarzan, Alice e John Silver também podem despertar a atenção dos alunos. Tratam-se de personagens de obras bastante diferentes entre si, o que revela que a literatura nos permite transitar por aventuras de muitos gêneros e épocas. Tarzan é a principal personagem de mais de vinte romances de Edgar Rice Burroughs (1875-1950), dos quais o mais conhecido é *Tarzan, o filho das selvas* (1912), com inúmeras adaptações tanto em filmes e desenhos animados como em gibis. John Silver é o famoso pirata de *A ilha do tesouro*, de Robert Louis Stevenson (1850-1894), autor também, entre outros livros, de *O médico e o monstro*, ambos adaptados para o cinema e para histórias em quadrinhos. Alice é a protagonista de duas obras de Lewis Carroll (1832-1898): *Alice no país das maravilhas* (1865) e *Alice no país do espelho* (1872), em que a menina entra em contato com mundos paralelos onde nada é o que parece... Já em *As viagens de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift (1667-1745),

## OU ISTO OU AQUILO?

Outra tarefa de Luc é acompanhar Calvina – ou Calvino? – a uma estranha biblioteca, que mais parece um manicômio. Nela não há livros e sim pessoas que julgam ser um autor, ou sua obra, ou suas personagens...

A bibliotecária **Emelina** lhe diz que as pessoas podem ser o que desejarem, pois, quando leem seus livros preferidos, identificam-se com o que quiserem: com o autor, com uma das personagens, com todos, ora com uma coisa, ora com outra. Afinal, nada é tão fixo e imutável... Dirigem-se, então, a uma árvore para conhecer o **Barão** – personagem de um livro de **Italo Calvino** –, que conversa com **Tarzan**. O Barão, assim que vê Calvina, dirige-se a ela chamando-a de **Alice**. Ambos saem para conversar, enquanto Emelina leva Luc para conhecer a oficina de encadernação. Lá trabalha um alfaiate, que “encaderna os homens-livros”, isto é, veste-os com as roupas de suas personagens favoritas. Luc é apresentado a **John Silver** e, sem ter como se safar, vai com ele até o porão, onde tomam rum. Será mesmo rum ou apenas parece? O homem-personagem lhe diz, então, que podemos ser o que só existe na imaginação; se quisermos ser algo que realmente existe, aí seremos loucos...

Luc reencontra Emelina, que agora o leva à livraria farmácia, onde a farmacêutica receita livros, prescritos em doses! E, de fato, os doentes se curam ao se identificar com certas personagens. A imaginação os salva da resignação e os convida a viver em um mundo mais justo, mesmo que, como **Dom Quixote**, ataquem moinhos de vento.

Não bastassem o manicômio biblioteca, o alfaiate encadernador e a livraria farmácia, ainda há o cinema dormitório, no qual, ao menos aparentemente, nenhum filme é projetado. As pessoas, caracterizadas como suas personagens prediletas, fecham os olhos e “assistem” mentalmente a suas aventuras. A sessão de cinema culmina em uma espécie de *show*, o “cara-o-quê”, em que cada um representa sua personagem com movimentos faciais (o “cara”) ou com qualquer outro meio (o “o quê”).

Só depois disso tudo Calvina – ou será Calvino? – volta de sua conversa com o Barão. Retornam à casa, onde mais uma tarefa espera o espantado Luc.

## CÃES LOBO, ANÕES GIGANTES E MAIS UM MUNDO DE SURPRESAS

No passeio com Lóki, Luc depara com Cochilo, seu companheiro, e lhe pergunta por que faltou ao encontro. O amigo,

o náufrago Gulliver conhece a terra dos anões, Liliput, e a dos gigantes, Brobdingnag, além de uma região onde os cavalos são muito inteligentes. Quanto a Licuro, há aí uma criação especial do autor: ele mistura a lenda do flautista de Hamelin, personagem dos irmãos Grimm que encanta os animais e as crianças com seus sons, com Licuro, general romano fanático por números, que levou a seus compatriotas pergaminhos em que havia fórmulas matemáticas.

Talvez, porém, o mais importante livro citado em *Calvina* seja *Dom Quixote de la Mancha*, obra-prima de Miguel de Cervantes (1547-1616). Isso porque Carlo Frabetti entende a literatura como um modo de desenvolver a imaginação e de não se resignar. Mesmo que sem meios objetivos para lutar contra o mundo, que considera injusto, o velho fidalgo Alonso Quijano, influenciado pelos romances de cavalaria, transforma-se em Dom Quixote e sai pela Espanha em busca de aventuras que restabeleçam o heroísmo, a beleza, o amor e a poesia em um mundo dominado pelo prosaísmo da vida real. De alguma forma, quando lemos romances, podemos nos transformar em Quixotes, ainda que os obstáculos reais não se confundam com as palavras, comparadas com os moinhos de vento que Quixote julga serem gigantes.

Em *Calvina*, todas as menções aos livros vêm especialmente guiadas pela figura de Emelina, a bibliotecária. Em um lance genial, Frabetti parece brincar com as palavras; o nome Emelina é um jogo com a palavra grega *emmeleia*, cujo significado é “harmonia”, “a música

porém, diz que o próprio Lucrécio cancelou o assalto. Confuso, Luc tem de sair em disparada, porque o cão lobo corre, assustado. Tentando acompanhá-lo, percebe que muitos outros animais o seguem, até que subitamente param, sem que nada esteja à vista.

Ao voltar para casa, à noite, Luc quer compreender o que se passa. Decide comer para pensar melhor e vai até a cozinha. No entanto, na câmara frigorífica, em vez de comida, há um cadáver de mulher. Não fazendo jus à alcunha “Sigiloso”, ele berra. Calvino aparece e lhe explica, com toda a calma, que quem está ali é sua mãe, Elza, morta e congelada. Quando Luc tenta reagir, a campainha toca: é o comissário de polícia, que, estranhando o desaparecimento do pai de Calvino, resolve passar por ali para verificar se está tudo bem. Lucrécio lhe diz ser o pai de... Calvina, que, vestida como menina e atendendo pelo nome de Lulu, toca canções ao piano. Eis que, então, surge a mulher morta e conversa com o comissário de polícia. Ela está viva?! Quando vão verificar o que há na câmara frigorífica, a porta não cede... Quando conseguem abri-la, Luc nada encontra senão... comida!

Atrapalhado, resolve levar Lóki para passear... Ou melhor, o animal, exibindo sua coleira, exige sair. Novamente, sem mais nem por quê, o cão lobo começa a correr e, no caminho, muitos outros animais fazem o mesmo. Dessa vez, chegam a um pequeno bosque, onde um anão toca flauta. Ele é **Licuro, o gigante flautista**. O anão, que vem de **Liliput**, onde todos são muito pequenos, é um verdadeiro gigante em sua terra. Afinal, tudo depende da perspectiva pela qual olhamos as coisas...

### UM MISTÉRIO OU MUITAS SOLUÇÕES?

Assim que volta para casa, Luc tenta falar ao telefone com Cochilo, mas a ligação é interrompida pela voz de Elza. Ele procura lhe explicar que não é, de fato, o pai do garoto. Quando Luc julga que sua vida chegou ao fim, Elza o abraça e o chama de Lucky, pergunta sobre sua mãe, Marta, e lhe diz que ela não é sua verdadeira mãe... De súbito, conta que trancou Calvina, sua filha, em um quarto, porque ela tentou matar a própria mãe, isto é, ela mesma...

Enquanto isso, Cochilo, preocupado com o telefonema de Luc, vai até a casa. Elza desaparece e os amigos tentam encontrar Calvino – ou Calvina? Luc lembra-se do armário e descobrem, então, que o retrato na parede funciona como

necessária à dança ritmada da tragédia”. Emelina, assim, com a justa modulação de suas frases, ensina uma maneira de escapar da realidade prosaica, de curar-se da resignação, por meio da viagem através da literatura.

### LER E APRENDER; LER E VIVER

Há inúmeras passagens de *Calvina* em que se discute a importância da literatura na formação do indivíduo. Destaque-se, nesse sentido, o capítulo “A livraria farmácia”, que poderá ser objeto de trabalho com os alunos. Para isso, recomenda-se ao professor a leitura de dois textos de Antonio Candido, um dos mais importantes críticos literários brasileiros da atualidade: “O direito à literatura” (in: *Vários escritos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004) e “A literatura e a formação do homem” (in: Dantas, Vinícius. *Bibliografia de Antonio Candido/Textos de intervenção*. São Paulo: Editora 34, 2002). A leitura dos textos certamente contribuirá, de modo decisivo, para que os debates em sala de aula atinjam patamares mais altos, sem que se limite a discutir as questões mais gerais de como a literatura pode ser agradável ao nos afastar do real, geralmente sem graça, para o mundo aventureiro dos livros. Tanto Frabetti como Antonio Candido pensam a questão de maneira mais crítica: a literatura nos ensina a não nos limitarmos à aparência da realidade, julgando que as normas de conduta, os julgamentos sejam de fato aqueles que aprendemos na vida cotidiana. A literatura nos permite pensar o mundo por outro prisma, relativizar os conceitos e a moral aprendida e, sobretudo, aprender que a vida e a realidade podem e devem ser transformadas.

uma espécie de chave para um segundo quarto. É assim que conseguem encontrar a criança. Levada à cozinha, quase é assassinada por Elza – será mesmo Elza? –, que, dessa vez, acusa a menina de ter matado o pai. As duas conversam: a mulher afirma que a filha a envenenou e lhe mostra o frasco. Calvina toma todo o conteúdo aos goles, desmaia, mas nada mais acontece, pois se trata do sonífero que a garota dava à mãe para acalmá-la, embora no rótulo viesse inscrita a tarja de veneno. De novo, nada é o que parece...

### É QUEM QUISE QUE CONTE OUTRA...

Luc se dirige à biblioteca manicômio, para curar-se de tantas atrapalhões. Deitado, recebe o remédio: ler um livro sem letras! Logo sua imaginação decifra o segredo. Elza não é a mãe, mas o pai de Calvino, que, enlouquecido por ter perdido a esposa, fulminada por um ataque cardíaco, fazia-se passar por ela. A história envolve também a família de Luc, que, na verdade, é irmão gêmeo do pai de Calvino. O pai dos gêmeos, biólogo e excêntrico, tentara vários experimentos com os filhos, por isso um deles ficara careca para sempre. A babá levava um dos garotos para poupá-lo de novos experimentos. O pai de Calvino casara-se com Elza, mas nunca chegaram a um acordo sobre a criança que haviam tido: menino ou menina? Depois da morte de Elza, o pai de Calvino congelou-a para tentar ressuscitá-la, mas muitas vezes deixava de ser ele mesmo e se tornava Elza, sua esposa, que julgava ter sido assassinada pela filha. Como não ficara completamente louco, em seus momentos de lucidez preocupava-se com o que poderia fazer durante seus surtos. E, em uma de suas atividades usuais, achou a foto de seu irmão e planejou o falso assalto e a substituição dele por Lucrecio, evitando danos a seu filho – ou filha?

Enquanto Luc se pergunta sobre como conseguiu ler um livro sem letras, quem aparece a sua frente? Calvina, que lhe explica que se trata de um livro eletrônico e que esse é apenas o começo de uma história. Além disso, nem tudo está explicado, porque **nenhum livro mostra todos os seus segredos...** Eles continuam ali, prontos para serem reinterpretados.

## DIALOGANDO COM OS ALUNOS

---

É importante que as sugestões a seguir sejam consideradas como estímulo à atividade e à criatividade do professor, que melhor do que ninguém sabe como encaminhá-las com adequação a seu conjunto particular de alunos.

### ANTES DA LEITURA

1. A própria literatura e como ela é capaz de “corrigir” a realidade constituem o grande tema de *Calvina*, que o professor pode discutir com os alunos indagando, oralmente, quais são os livros que cada um deles considera ter contribuído para mudar sua vida e por quê. Dessa discussão, nasce uma lista de sugestões de leituras, a ser afixada no mural da sala de aula, com uma sinopse de cada obra e, especialmente, a indicação de por que lê-la. Para motivar a turma, o professor coloca no mural a cópia de uma seção de revista ou jornal, como a edição dominical da *Folha de S. Paulo* ou do *Estado de São Paulo*, que traga a indicação de livros, com dados de nome da obra, autor e por que ler.
2. Caso os alunos ainda não tenham desenvolvido o hábito de registrar suas leituras, seria interessante o professor ensiná-los protocolos desse registro. Em um pequeno bloco (que pode se tornar grande...), cria-se um diário em que, em vez das observações do cotidiano, faz-se a anotação dos livros lidos. Para cada livro, abre-se uma página do diário, com os seguintes dados: nome do autor e do ilustrador, título da obra, cidade da editora, editora, data da edição; a isso se acrescenta a data da leitura. Depois dessas anotações, registram-se as impressões de leitura, sem necessidade de que o professor as avalie ou corrija. Assim, cada aluno terá a liberdade de registrar o que o impressionou na leitura e como isso pode contribuir para sua vida.

### DURANTE A LEITURA

“**Você me perguntou se pode perguntar...**” – Essa é uma das confusões em que Luc se vê envolvido ao tentar descobrir quem é o anão com o qual conversa e se, afinal, Calvino/a é menino ou menina. Por delicadeza, não lhe faz perguntas diretas e, então, aprende que, quando queremos saber algo, podemos – e devemos – perguntar diretamente o que desejamos. O uso repetido de fórmulas de cortesia e polidez muitas vezes faz com que o

sentido original se perca e elas apenas indiquem formas fixas de estabelecer contato. Nos estudos linguísticos, esse modo de empregar a linguagem recebe o nome de *função fática*: trata-se apenas de estabelecer contato com o interlocutor. Em nossa vida cotidiana, várias fórmulas fáticas podem causar pequenos equívocos de comunicação. Por exemplo, ao nos dirigirmos automaticamente a alguém perguntando-lhe se está tudo bem, corremos o risco de ouvir uma imensa lengalenga sobre as pequenas mazelas vividas por aquela pessoa. Que tal, então, tentar escolher situações em que a função fática da linguagem, se tomada ao pé da letra, geraria muitos equívocos ou inadequações de comunicação? Ao fazer a proposta aos alunos, o professor apresenta-lhes esse exemplo e, então, convida-os a procurar outros. Caso os alunos demonstrem interesse, a pesquisa pode ser feita, também, em cartuns, que se valem de equívocos para criar situações de humor.

## DEPOIS DA LEITURA

1. Após a leitura integral de *Calvina*, a turma comenta o que achou do livro e o que aprendeu com a história. Para que a discussão seja livre (sem cobrança de conteúdos ou de técnicas narrativas), o professor pode criar uma roda de leitura informal, mas decisiva para a efetiva troca de conhecimentos. Cada aluno diz o que achou mais significativo na história e o que aprendeu. No entanto, não basta apenas comentar; é preciso construir ligações entre as várias opiniões, bem como sua fundamentação na obra. O professor, então, deve ocupar o papel de mediador, propiciando o compartilhamento e a construção de conhecimentos. Isto é, quando um aluno manifesta sua opinião, o professor indaga a razão da ideia e leva o seguinte a se posicionar com relação à(s) fala(s) anterior(es). Não é preciso fazer anotações no caderno ou na lousa: a discussão, quando produtiva, permanece ativa na memória.
2. Um dos temas relevantes em *Calvina* é a questão das aparências e como nada é o que parece ser. Se tal tema não tiver surgido na discussão anterior, o professor lança-o para os alunos, iniciando com a polêmica sobre as alcunhas. Uma espécie de jogo pode ser criado na classe, elencando-se, em antonomásias não-depreciativas, as características de pessoas com notoriedade pública. O tema pode, também, levar à problematização das antonomásias depreciativas e suas consequências no *bullying*.

3. A lógica da personagem principal deste livro, bem como da bibliotecária Emelina, é a de que uma coisa não é apenas, nem necessariamente, só ela mesma, podendo também se tornar seu contrário. A lógica, *dialética*, não se limita a opor características, ela amplia a percepção e o conhecimento ao conjugar elementos diversos em uma mesma unidade. Em nossa sociedade, tendemos a não ser dialéticos, o que pode gerar tanto julgamentos precipitados sobre outras pessoas como erros na avaliação da dinâmica histórica. Nesse sentido, e introduzindo uma discussão interdisciplinar com Filosofia, a dialética surge como tema. Na área de Português, o professor pode pedir que os alunos redijam uma dissertação com o título “Nem tudo é o que parece...”.
4. Há, em *Calvina*, muitas sugestões de leituras: *Dom Quixote*, *Alice no país das maravilhas*, *O barão nas árvores*, *A ilha do tesouro*, *Tarzan*, *o filho das selvas* etc. A partir da discussão dos significados de *Calvina*, a turma é dividida em grupos, e cada um deles lê ao menos uma dessas obras e a apresenta aos demais. Para a escolha, os alunos seguem as indicações do professor. Nos casos em que há condições materiais para isso, a atividade finaliza com a projeção de uma adaptação filmica de um desses romances.

---

ELABORAÇÃO DO GUIA IVONE DARÉ RABELLO (PROFESSORA DOUTORA DO DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA DA USP); PREPARAÇÃO: MÁRCIA MENIN; REVISÃO: CARLA MELLO MOREIRA E PENELOPE BRITO.